



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6627 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E LEITURA COM BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS: POSSIBILIDADES DE ENLEITURAMENTO

Niclecia Ferreira Gama - 10ª CRE - Coordenadoria Regional de Educação do Rio de Janeiro
Rosemary Lapa Oliveira - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E LEITURA COM BEBÊS E CRIANÇAS BEM PEQUENAS: POSSIBILIDADES DE ENLEITURAMENTO

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo os atos de contação de histórias e de leitura com bebês e crianças bem pequenas na creche, com idades entre dez meses e dois anos e onze meses e como as crianças, colaboradoras da pesquisa, interagem, parecem construir significados a partir da escuta de histórias contadas ou lidas e se enleituram, ou seja, ressignificam e fazem usos da leitura além da decodificação da escrita. Diante do exposto, a questão de pesquisa que emerge é: Como as crianças participam, interagem e vivenciam os atos de leitura e contação de histórias em uma creche?

O interesse científico se materializa no objetivo geral de investigar as vivências de atos de leitura e contação de histórias dos bebês e crianças bem pequenas. Os objetivos específicos são observar como os bebês e crianças bem pequenas interagem com a experiência literária através de intervenções (atos de leitura e de contação de histórias) e analisar um ato de contação de histórias em busca de uma compreensão dos sentidos que os bebês e crianças bem pequenas podem atribuir a essas vivências.

Visando revelar a questão de pesquisa, optamos pela metodologia de abordagem qualitativa, de cunho etnográfico, inspirada em Coulon (1995), considerando a complexidade e a necessidade de um olhar multirreferencial na construção de uma pesquisa com bebês e crianças bem pequenas, foi necessário compreender a polissemia desse ambiente tão ímpar. Assim, a Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial, por se apresentar como uma pesquisa qualitativa voltada para o conhecimento das ordens sociais e culturais em organização (MACEDO, 2004.), revelou-se mais adequada.

A análise dos resultados pode desvelar como os bebês e crianças bem pequenas vivenciam os atos de leitura e contação de histórias em suas experiências primeiras e como em seus processos de subjetivação parecem atribuir sentidos e significados para estes atos, analisados a partir da perspectiva etnocenológica, tomando por base um ato de contação de histórias capturado no locus da pesquisa, aqui descrito em um Contexto Dialógico e uma Cena Simbólica (ALMEIDA, 2014) e da compreensão do que é o enleituramento Para fundamentar as discussões sobre o processo investigativo e interpretativo, ancoramos teoricamente na Sociologia da infância (ABRAMOWICZ, 2011; SARMENTO, 2007, 2009; CORSARO, 2011) e na Literatura (SISTO, 2015) Os resultados aqui apresentados podem contribuir com as instituições de Educação Infantil, à medida que reconhecem as potencialidades dos bebês e das crianças bem pequenas como sujeitos ativos e participativos desses atos.

2. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

A voz materna é o primeiro contato da criança com o som da palavra, desde a vida intrauterina, quando outros sons também fazem parte do repertório sonoro do bebê: as batidas do coração materno, os movimentos peristálticos e os sons externos que podem ser ouvidos a partir da oitava semana de gestação. Após o nascimento, o universo sonoro se amplia a partir das interações que as crianças vivenciam com outros dispositivos sonoros como canções, vozes, cantigas de ninar e com histórias contadas e lidas.

As primeiras experiências das crianças com os textos acontecem oralmente, através da voz da mãe, das cuidadoras ou das avós, quando contam uma história, um conto de fadas ou “inventam” histórias, tendo a própria criança como personagem. Barbosa (2010) e Abramovich (1997) corroboram com essa afirmação, citando também os espaços em que esse ato acontecia: geralmente no lar. Com os avanços tecnológicos, esses espaços se ampliam e podemos perceber bebês e crianças bem pequenas como usuárias dessas novas tecnologias.

As infâncias atuais sendo atravessadas pelos desafios da contemporaneidade, e, mesmo os modos de pensar, de conviver, de aprender sendo modificados nas últimas décadas, as práticas de contar e ler histórias para crianças permanecem presentes em grande parte da população, os sons das cantigas da infância ainda fazem parte integrante e atuante na formação da criança.

Desde o nascimento, o bebê interpreta o mundo que o cerca quando aprende a se comunicar com a mãe e com outros adultos que dele cuidam, mesmo através do choro (ZESKIND, 2007), portanto, reafirma a célebre citação de Freire (2011, p. 9) de que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Desse modo, Martins (2006, p. 11) concorda com Freire (*idem*) ao afirmar que é possível dizer que nos primeiros contatos com o mundo, começamos a dar sentido às nossas experiências como humanos, num processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, mediadas pela linguagem, porquanto, corrobora com a ideia de que “o ato de ler se refere tanto a algo escrito, quanto a outros tipos de expressões do fazer humano” (MARTINS, 2006, p. 30) e esse processo é permeado, primordialmente pela oralidade através das histórias contadas ou cantadas. Podemos entender, concordando com Freire (2011), que a leitura é o modo como o indivíduo compreende e interpreta o mundo.

Os Referenciais Curriculares para a Educação Infantil - RCNEIS (BRASIL, 1998) orientam os professores da Educação Infantil sobre a importância de ler para os bebês e as

crianças pequenas, ainda que não dominem a decifração do código escrito e, de acordo com as orientações ali contidas, “a leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas, situadas em outros tempos e lugares” (BRASIL, 1998, p. 143).

Ao ler uma história, o sujeito leitor reproduz literalmente as palavras do autor. Entretanto, ao contar uma história, o contador apropria-se da história, envolve-se, imprime novas nuances, novos sabores, a toma para si, conforme afirma Rodrigues (2005, p. 4), quando diz que “ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor”.

As crianças que frequentam as creches podem construir o seu cabedal literário através do contato com diferentes gêneros textuais e estilos de narrativas orais que lhes permitirão variadas possibilidades de escolha tanto quanto formas mais sofisticadas de pensar e imaginar, de acordo com o estabelecido nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (Resolução CNE/CEB 005, de 17.12.2009) que reafirma a importância das interações e brincadeiras como eixos norteadores da Educação Infantil, bem como salienta no inciso III que as instituições devem garantir oportunidades que “possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos” (BRASIL, 2010, p. 25), avalizando a pertinência desta pesquisa.

3. TRILHAS METODOLÓGICAS PARA A COMPREENSÃO DO CONTEXTO DE PESQUISA

Para produzir os dados de uma pesquisa realizada junto a sujeitos tão singulares, a observação participante, a interlocução mediada por leituras e contação de histórias permitiu uma aproximação da pesquisadora com os colaboradores da pesquisa, de forma direta e focado no objeto de estudo, de modo dialógico e horizontalizado, conforme nos leva a refletir Brandão (1999), enquanto propõe pensar acerca da pesquisa participante. Embora sua proposição se trate de pesquisa acadêmica com povos tradicionais, seus estudos são relevantes para dimensionar a pesquisa com crianças se as compreendemos como protagonistas de conhecimentos e produtores de uma cultura que é própria da infância, ao afirmar que “podemos conviver com as crianças como participantes não mais de uma “pesquisa sobre elas”, mas de uma “pesquisa delas sobre elas mesmas” (BRANDÃO, 1999, p. 10).

Os sujeitos de pesquisa são bebês e crianças bem pequenas de uma turma do Grupo 1, de uma creche pública do município de Salvador-Ba, com diferentes níveis de desenvolvimento biopsicossocial.

Os pressupostos da Etnopesquisa crítica e multirreferencial mostram-se relevantes por considerar a natureza dialógica, social, cultural e polissêmica das ações das crianças e dos adultos envolvidos na pesquisa, por considerar os bebês e as crianças pequenas como atores sociais, produtores de cultura e de saberes em suas interações com o mundo. Entretanto Macedo, Pimentel e Galeffi (2009) asseguram que a etnopesquisa não pode ser confundida com uma *epistemis* espontaneísta ou populista, portanto não dispensa o rigor e a objetivação das realidades para qualificar o ato de pesquisar e a pesquisa em si.

A proposta das intervenções literárias para captar os sentidos da pesquisa está desenhada como uma pesquisa-participante de base etnográfica (THIOLLENT, 2008; MACEDO, 2012, 2014), tendo a interação com os sujeitos de pesquisa em situações de leitura e a contação de histórias como principal dispositivo de produção de dados no campo a partir da observação dos dizeres e fazeres das crianças durante a estratégia do uso do Tapete de histórias, um tapete de retalhos coloridos que as crianças denominavam carinhosamente de Tapete Voador em alusão ao filme da Disney, Aladdin (2019), visto por elas na creche e que as crianças associavam a esses momentos.

Para analisar a complexidade dos sentidos que emergem do campo, tomamos como referência os estudos de Almeida (2014) que revela em seus dispositivos as ferramentas adequadas para captar e compreender a cena em análise durante a contação de história. Essa cena será esmiuçada a partir da descrição do contexto, que é permeado por diálogos e falas e por isso denominados de Contextos dialógicos. A cena simbólica, que decorre desse contexto se mostra permeada por sentidos e significados e são constituídas por alteridade, atitudes responsivas e apropriação dos sentidos do texto, o enleituramento.

3.1 Contexto dialógico: A chuva de flores

Obax é uma menina africana que vive numa pequena aldeia e que tem como passatempo preferido contar histórias (NEVES, 2011). Certo dia, narra aos moradores que viu uma chuva de flores e estes duvidam, pois ali sequer chove água. Desacreditada, Obax tropeça numa pedra em formato de elefante e parte pelo mundo com seu amigo Nafisa, um elefante que havia se perdido da manada e vivia sozinho na savana. No caminho, presenciam chuvas de diversos tipos, mas não de flores. Ao narrar a viagem, desacreditada, Obax chuta a pedra e na manhã seguinte, onde ela estava, surge aparece um baobá e nele, flores coloridas. Todos observam admirados, quando um bando de aves pousa na árvore e, levantando voo, uma chuva de flores cai sobre a aldeia e Obax recupera sua credibilidade, voltando a encantar a todos com suas histórias.

3.2 Cena simbólica: Bax

No “tapete mágico”, 14 crianças, com idades entre 13 e 26 meses, foram acomodadas em semicírculo. Com fantoches e flores recortadas de diversas cores e formatos, iniciamos a narrativa. Os bebês e crianças se mostram interessados pelos fantoches e pelas flores, manuseando-as, cheirando e às vezes, as levando à boca. Longe desse cenário, um bebê de aproximadamente 15 meses brinca longe da roda dos olhares curiosos e das pequenas mãos que exploram os objetos cênicos.

Ao finalizar a história, levantamo-nos e jogamos as flores para o alto, formando a chuva de flores. Todos levantam, pulam, riem, gritam. O pequeno, que se mantinha afastado do grupo se aproxima, enquanto as crianças cantam canções conhecidas. Ele pega o fantoche de Obax no chão, próximo ao elefante e às flores espalhadas, manipula, e, balbuciando palavras, o beija. Levanta e recolhe as flores, uma a uma. Observamos, enquanto a cantoria continua. Dá a volta no tapete e, num local sem objetos no chão, joga as flores para o alto e grita, sorrindo: _Bax!

4. RESULTADOS DOS PERCURSOS TRILHADOS

Os bebês, no contexto das ciências sociais e antropológicas não se constituíram como categoria teórica dentro da sociologia e, mesmo com estudos mais recentes como os apresentados por Sarmiento (2007; 2008), Sirota (2011), Corsaro (2011) Abramowicz (2011) e Tebet e Abramowicz (2014) e Santos (2017), há uma lacuna na presença dos bebês nas pesquisas referentes às crianças e às infâncias e por não serem usuários da linguagem verbal, muitas vezes são negligenciados em seus saberes e suas aprendizagens.

A contação de histórias e a leitura com os bebês e as crianças bem pequenas, no contexto apresentado, denotam que estão construindo processos de subjetivação e estabelecendo relações entre elas e os adultos, reproduzindo elementos culturais e sociais e os recriando nas interações com seus pares. Materializa-se, nessa cena, o conceito de reprodução interpretativa construído por Corsaro (2011) e compreendido por Sarmiento (2009) como a “capacidade de interpretação e transformação que as crianças têm da herança cultural transmitida pelos adultos” (SARMENTO, 2009, p. 31). Completando essa análise, deparamo-nos com conceito de enleituramento, usado para explicar como ocorre o processo de apropriação do texto não como alfabetização ou letramento e sim, como algo mais vasto, que é a capacidade de tornar-se leitor de forma ampla, tendo na leitura uma ação que é contínua e ampliada a cada contato com o contexto que cerca o sujeito-leitor, apropriando-se do texto escrito ou ouvido e o ressignificando, no caso dos bebês, de maneira lúdica e rica em significados, precedendo a leitura das palavras.

Quando grita “Bax!” (se referindo ao nome da personagem Obax), o bebê destaca uma palavra particular, que liga ao significado do que ouviu e se envolveu emocionalmente, mesmo afastado do ato de contação de histórias. Na perspectiva pontiana essa palavra “traduz, sobretudo um estado afetivo: há uma pluralidade de sentidos: é a palavra-frase” (MERLEAU-PONTY, 2006). A ação de reproduzir a chuva de flores, jogando-as para cima, aponta para a apropriação do signo e significado ao que percebemos uma tomada de consciência da linguagem, contudo, o autor afirma que essa noção de signo e significado não é a mesma que é entendida pelos adultos, é uma conduta imitativa que persistirá até cerca de 3 anos (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 13). Entretanto, podemos compreender essa atitude responsiva como uma apropriação da cultura de pares (CORSARO, 2011) e do enleituramento dos bebês e crianças bem pequenas.

5. A CAMINHO DE UMA CONCLUSÃO

A pesquisa, ainda em andamento, nos propõe considerar que os atos de contação de histórias poderão se constituir como espaços privilegiados para os caminhos do enleituramento dos bebês e crianças bem pequenas, a formação do sujeito leitor e suas incontáveis descobertas. Eles são vias de acesso ao universo literário através da contação de histórias ou da leitura da palavra escrita, uma vez que nas creches, os profissionais que atuam com as crianças nessa faixa etária poderão dispor de mecanismos e recursos materiais e humanos para planejar tempos e espaços para que ocorram atos de leitura e de contação de histórias.

Os bebês vivem uma condição singular e nas pesquisas atuais, eles surgem como sujeitos de potência, que estão se constituindo humanos sob a ótica das relações sociais. Quando partilham de rotinas, seja na creche ou em outros espaços interacionais, os bebês realizam intercâmbios sociais e, a partir de certa idade, quando já estabelecem situações comunicativas com outras crianças e com adultos, embora não sendo usuários plenos da linguagem oral, conseguem estabelecer rotinas lúdicas entre si e os adultos, demonstrando que os atos de leitura e contação de histórias constituem-se vias de acesso ao universo literário.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5ª. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ABRAMOWICZ, Anete. **A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância**. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela. *Sociologia da infância no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2011.

ALMEIDA, R. L. de. **Cenas simbólicas e enunciação oral: ressonâncias de sentidos na educação infantil**. Tese de doutorado. Faculdade de educação, Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2014.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. *Planejamento, práticas e projetos pedagógicos na Educação Infantil: Trabalhando com projetos pedagógicos*. Mediação: 2014.

BRANDÃO, Carlos. R. (Org.) *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** /Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil* /Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 1998.

CORSARO, Willian. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Campinas, SP: Editores associados, 2011.

MACEDO, Roberto S. **Atos de Currículo e autonomia pedagógica**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2014.

MACEDO, Roberto S. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: Edufba, 2004.

MACEDO; R. S.; GALEFFI, D.; PIMENTEL, A. **Um rigor outro: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MARTINS, M.H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Psicologia e pedagogia da criança**: curso da Sorbonne 1949-1952. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- NEVES, André. **Obax**. Ilustrações de André Neves. São Paulo, Brinque-Book, 2011.
- SANTOS, Marlene Oliveira dos. **Nós estamos falando! E vocês, estão nos escutando?** Currículos praticados com bebês: professoras com a palavra. Tese de Doutorado em educação – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos. (Org.) **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira&Marin, 2007.
- Sarmento, Manuel Jacinto. **Estudos da Infância e sociedade contemporânea: desafios conceituais**. O Social em questão, Rio de Janeiro, v. 20, n. 21, p. 15-30, 2009.
- SIROTA, Regine. **Emergência de uma sociologia da infância**: evolução do objeto e do olhar. São Paulo: Cadernos de pesquisa, n. 112, Mar/2001. Disponível em: Acesso em 21/12/2019
- SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3. Ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.
- TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos; ABRAMOWICZ, Anete. **O bebê interroga a sociologia da infância**. In: Linhas Críticas, Brasília, DF, v. 20, n. 41, p. 43-61, jan./abr. 2014. Disponível em: : <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/File/12417/8643>. Acesso em: 16 jan. 2019.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ZESKIND, Phillip S. Impacto do choro do bebê de risco no desenvolvimento psicossocial. Levine Children's Hospital,